

FONTE : JB

CLASS. : 03

DATA : 16 03 90

PG. : 6

Para os índios tamoios, uma fonte sagrada

Para os índios tamoios, as águas do Rio Carioca eram sagradas. Para os franceses, ao se dividir em duas, elas formavam a Ilha da Carioca. Batizado de Henriville, esse trecho entre a Glória e o Flamengo foi o início do sonho de uma França Antártica, dois meses mais tarde transferido para a Ilha de Serigipe, atual Ilha de Villegaignon. Para os portugueses, em 1503, o Carioca era a única fonte de água pura de um lugar repleto de pântanos e lagoas insalubres.

Durante quatro séculos, o rio manteve o monopólio de saciar a sede dos cariocas. Até os navios que passavam pela costa vinham se abastecer em sua foz, na Praia do Flamengo, conhecida na época como Aguada dos Marinheiros. Por incrível que pareça, o Carioca foi navegável. Até o século passado, canoas iam e vinham levando os produtos das chácaras espalhadas pelo vale das Laranjeiras.

Mas, para os habitantes da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, não era tão fácil beber a água do Carioca. Os lugares ermos à beira do rio eram utilizados pelos índios tamoios para emboscadas. Em plena Rua do Catete, muitos combates foram travados por causa da água. Co-

mo nem todas as famílias tinham servos para mandar até o rio, havia negociantes de água, que controlavam o comércio usando índios aguadeiros, precursores dos atuais carros-pipas.

Em 1517, foi lançado um tributo sobre o vinho para custear as obras do aqueoduto que levaria a água do Carioca até o Centro da cidade. Mas, só em 1723, ele ficou pronto. A água descia através de canaletas, onde hoje é a Rua Almirante Alexandrino, em Santa Teresa, e passava pelo aqueoduto dos Arcos da Lapa, para chegar a um chafariz, no Largo da Carioca. O chafariz da Praça 15, construído por mestre Valentin, também recebia a água desse rio.

A agonia do Carioca começou no século seguinte, com o desmatamento da Floresta da Tijuca para a plantação de cafezais. Preocupado com a redução do manancial, em 1860, dom Pedro II ordenou o primeiro grande reflorestamento do país. Ao Carioca, o Rio de Janeiro deve a maior floresta em área urbana do mundo, a Floresta da Tijuca.

Mas a sorte do rio estava selada. Em 1905, o prefeito Pereira Passos mandou canalizar o Carioca, que se tornou subterrâneo. A antiga abóbada, de tijolos vermelhos, com base de pedra e reforçada por uma rede de ferro, chegou a ser vista, durante as obras do metrô na Praça José de Alencar. Foi a última chance do carioca observar, em pleno Flamengo, o leito do rio que, até 100 anos atrás, dava "voz suave aos cantores e mimo-so carão às damas", segundo o escritor Rocha Pita.